

As segmentações não-convencionais da escrita e sua relação com os constituintes prosódicos

Ana Paula Nobre da Cunha

Resumo

Apresentaremos, neste trabalho, descrição e análise de dados de segmentações não-convencionais – hipossegmentações, hipersegmentações e híbridos – coletados em textos produzidos de maneira espontânea por crianças de primeira a quarta série do ensino fundamental, em duas escolas da cidade de Pelotas (uma pública e outra particular). Os dados são analisados e discutidos sob a perspectiva da Fonologia Prosódica (cf. NESPOR & VOGEL, 1986). De acordo com os resultados obtidos, podemos afirmar que a criança em fase de escrita inicial tem no conhecimento internalizado que possui sobre a prosódia da língua uma forte motivação para segmentar o texto em palavras.

Palavras-chave: Aquisição da escrita; fonologia prosódica; hipossegmentação; hipersegmentação.

The non-conventional segmentations of the writing and your relationship with the prosodic constituents

Abstract

We will present, in this work, description and data analysis of non-conventional segmentations – hypossegmented, hypersegmented and hybrids-collected in produced texts in a spontaneous way by children of first the fourth grades of the fundamental teaching, in two schools of the city of Pelotas (a public one and other particular). The data are analyzed and discussed under Prosodic Phonology's perspective (cf. NESPOR & VOGEL, 1986). In agreement with the obtained results, we can affirm that the child in

initial phase of writing has in her inner knowledge on the language prosody as strong motivation to segment the text in words.

Keywords: Writing acquisition; prosodic phonology; hyposegmentation; hypersegmentation.

1. Introdução

O presente trabalho situa-se na intersecção entre dois importantes campos do conhecimento, a saber, a linguística e a educação. Acreditamos que um melhor desempenho do professor de língua materna, em especial o das séries iniciais, esteja estreitamente relacionado com as descobertas decorrentes dos estudos científicos sobre a linguagem. Não pretendemos afirmar que esse professor deva ser um linguista por formação, todavia, o contato prático com esses dois campos do saber, tem-nos mostrado a importância de que o professor de séries iniciais tenha à sua disposição descrições e análises sobre o funcionamento da língua e, especialmente, sobre os processos pelos quais a criança pode passar enquanto adquire a escrita. Em contrapartida, o material produzido pelos alunos, em sala de aula, pode fornecer importantíssimos subsídios aos estudos da linguística.

Ao tratarmos da aquisição da linguagem oral e da linguagem escrita, temos o cuidado de preservar a cada um desses processos as suas especificidades. Entendemos a aquisição da linguagem oral como um processo inato (CHOMSKY, 1965), decorrente de uma capacidade que todos os seres humanos possuem e que se desenvolve sempre que lhes forem oferecidas condições para isso. Diferentemente, compreendemos a aquisição da escrita como uma capacidade cognitiva decorrente do desenvolvimento do sujeito, associando-a a um processo construtivo (PIAGET, 1972, 1978). Essas duas teorias, inatismo e construtivismo, embora distintas, relacionam-se e complementam-se quando pretendemos estudar e analisar fenômenos relativos à linguagem escrita e sua aquisição.

Importantes estudos como os de Abaurre (1987, 1991), Chacon (2004, 2005, 2006), Cunha (2004), Miranda (2006, 2008a, 2008b), Tenani (2004, 2006) e Veloso (2008), dentre outros, apresentam análises que procuram revelar as relações entre a escrita inicial de crianças e aspectos do conhecimento linguístico infantil – sobretudo, do conhecimento fonológico.

Dentre os diferentes processos de aquisição da escrita interessam-nos, particularmente, aqueles relacionados às segmentações não-convencionais das palavras, ou seja, as dúvidas que se revelam, por meio da produção de textos espontâneos, sobre onde inserir espaços no contínuo fonético percebido pelo aprendiz. Trata-se, portanto, de descrever e analisar a tomada de decisão, por parte da criança, sobre os limites da palavra.

A análise a que nos propomos não ignora as múltiplas influências a que o aluno está sujeito durante o processo de aquisição da escrita, todavia, buscamos mostrar de forma mais específica quais as estruturas prosódicas servem como motivação no momento em que o aprendiz faz suas escolhas ao inserir (ou não) espaços na sua escrita.

2. As segmentações não-convencionais da escrita

De acordo com afirmação de Saenger (apud FERREIRO e PONTECORVO, 1996), a segmentação da escrita transformou-se no decorrer do tempo. Na Europa medieval, as palavras curtas e as preposições eram geralmente unidas à palavra seguinte. Houve épocas em que segmentar a escrita era função do leitor, somente nos oito séculos que seguiram à queda de Roma, esta passou a ser uma função do escriba.

Muito embora a decisão sobre onde segmentar a escrita e como delimitar uma palavra não sejam problemas novos, ainda são questões que muito instigam a vários pesquisadores, os quais buscam, fundamentados em diferentes teorias, explicar de que forma são feitas essas escolhas.

Em relação ao Português Brasileiro, investigadores como Abaurre (1991), Capristano (2003, 2004), Chacon (2004, 2005, 2006), Cunha (2004), Cunha e Miranda (2006, 2007), Tenani (2004) e Paula (2007), fundamentados no modelo da hierarquia prosódica proposto por Nespor & Vogel (1986), buscam entender, dentre outros aspectos, quais as motivações linguísticas que levam a criança a produzir segmentações não-conveccionais das palavras – hipossegmentação (“derepente” para “de repente”), hipersegmentação (“em bora” para “embora”) e híbrido (“daes toria” para “da história”) – durante o processo de aquisição da escrita.

Assim como em Tenani (2009), não analisamos os dados de segmentação provenientes de textos produzidos de maneira espontânea, como simples erros ortográficos, mas sim como a materialidade das hipóteses que a criança testa enquanto lida com esse novo sistema que está a aprender. O erro, neste trabalho, parte de uma concepção construtivista, em que o aluno faz de seu texto o lugar de experimentação e seus erros fazem parte do processo de aquisição da escrita.

Mesmo sem reduzir a escrita a uma mera transcrição da fala, não podemos ignorar que é durante o processo de aquisição desse novo sistema que a criança se depara com a necessidade de segmentar o contínuo da fala em unidades linguísticas psicologicamente significativas (cf. KATO, 2001). Durante esse processo, o aprendiz testa hipóteses sobre os limites da palavra e, no nosso entendimento, pode deixar transparecer para a escrita seu conhecimento linguístico acerca da fonologia da língua, mais especificamente, da fonologia prosódica.

3. A fonologia prosódica

A cadeia da fala é um ato contínuo e compreender uma língua pressupõe saber dividir mentalmente essa continuidade em componentes significativos, os quais são estudados pela fonologia prosódica. Os constituintes prosódicos, de acordo com Nespor e Vogel

(1986), são fragmentos mentais, hierarquicamente distribuídos. Esses constituintes não apresentam necessariamente isomorfia com os constituintes sintáticos, morfológicos ou semânticos.

A hierarquia prosódica, proposta por Nespor e Vogel (1986), é composta por sete constituintes, os quais se apresentam na seguinte ordem, do menor ao maior: sílaba (σ), pé (Σ), palavra fonológica (ω), grupo clítico (C), frase fonológica (Φ), frase entonacional (I) e enunciado (U). Apresentamos, a seguir, uma breve caracterização de cada um desses constituintes.

- a) **Sílaba (σ):** esta é a menor categoria prosódica e serve de domínio para aplicação de regras fonológicas. Os constituintes da sílaba são o ataque e a rima, este último pode ser subdividido em núcleo e coda.
- b) **Pé (Σ):** a relação de dominância estabelecida entre duas ou mais sílabas chama-se pé métrico. De um modo geral, o pé é estruturado de forma a ter uma seqüência com uma sílaba relativamente forte e as demais relativamente fracas, todas dominadas por um único nó.
- c) **Palavra fonológica (ω):** é o constituinte que representa a interação entre os componentes fonológico e morfológico da gramática. A característica fundamental da palavra fonológica, ou palavra prosódica, é que ela deve ter apenas um acento primário.
- d) **Grupo clítico (C):** os clíticos¹ são constituintes de natureza híbrida, ou seja, embora não se sustentem como palavra em um enunciado, eles se parecem com uma. Bisol (1996, p.252) define o grupo clítico “como a unidade prosódica que contém um ou mais clíticos e uma só palavra de conteúdo”.
- e) **Frase fonológica (Φ):** esse é o constituinte imediatamente superior ao grupo clítico e no português possui recursividade à

¹ Clítico é uma palavra que depende fonologicamente de outra, podendo se comportar como se fosse uma de suas sílabas. Os pronomes átonos são exemplos de clíticos.

direita, isto é, o cabeça lexical situa-se à direita e todos os demais recessivos que ficam à sua esquerda estão dentro do mesmo domínio de X barra.

f) Frase entonacional (I): a frase entonacional pode ser formada por um conjunto de frases fonológicas ou por apenas uma frase fonológica, desde que esta possua uma linha de entonação.

g) Enunciado (U): é o constituinte mais alto e maior da hierarquia prosódica. Tem sua proeminência relativa sempre mais à direita e sua identificação é feita através dos limites sintáticos e da pausa. Porém, deve-se ressaltar que nem sempre o enunciado tem o mesmo tamanho do constituinte sintático.

4. A origem dos dados

Os dados aqui analisados foram extraídos de produções textuais pertencentes ao Banco de Textos de Aquisição da Escrita (FaE-UFPEL)². O Banco é composto por aproximadamente 2000 textos espontâneos (coletados no período de 2001 a 2004), os quais foram produzidos por crianças com idades entre 6 e 12 anos que cursavam, à época das coletas, uma das quatro primeiras séries do ensino fundamental. Os textos analisados foram obtidos a partir de oficinas de produção textual, organizadas e implementadas por bolsistas do grupo de pesquisa GEALE (Grupo de Estudos sobre Aquisição da Linguagem Escrita) durante o período escolar, nas salas de aula frequentadas pelas crianças. Cada uma dessas oficinas baseou-se em propostas diferentes, que visavam à obtenção de um texto produzido de forma espontânea pelo aluno, pois consideramos que esse é o tipo de material que melhor revela as hipóteses que a criança constrói acerca da linguagem escrita.

² O referido Banco é resultado de uma pesquisa apoiada pelo CNPq (processo nº400882/2008-6), cujo principal objetivo é investigar a aquisição e o desenvolvimento da ortografia nos textos de crianças de 1ª a 4ª série.

5. A metodologia do trabalho

Todos os dados de segmentação não-convencional encontrados foram extraídos dos textos e, após, organizados em três categorias: *hipossegmentação*, *hipersegmentação* e *híbrido*. Depois de separados, os dados foram analisados tendo-se em conta três variáveis linguísticas – *tipo de palavra*, *estrutura silábica* e *tonicidade* – e duas extralinguísticas – *tipo de escola* e *série*.

Quanto à variável *tipo de palavra*, optamos por subdividi-la em *palavra gramatical* e *palavra fonológica*³, de acordo com a função que expressam. Consideramos como *palavra gramatical* aquela que não possui significado lexical, como por exemplo os clíticos, e como *palavra fonológica* todas as estruturas que possuem um acento primário e que, mesmo não tendo significado conhecido na língua, são candidatas potenciais a se tornarem uma palavra do léxico.

Partindo-se dessa subdivisão da variável *tipo de palavra*, obtivemos quatro principais subcategorias, a saber: a) *palavra gramatical* + *palavra fonológica* (PG+PF); b) *palavra fonológica* + *palavra gramatical* (PF+PG); c) *palavra gramatical* + *palavra gramatical* (PG+PG); d) *palavra fonológica* + *palavra fonológica* (PF+PF). Essas quatro subcategorias foram utilizadas tanto na análise dos dados de hipo quanto de hipersegmentação, no entanto, devemos ressaltar que para os dados de hipossegmentação apresentamos uma quinta subcategoria: + *de duas palavras* (quaisquer que sejam elas, gramaticais e/ou fonológicas). Os dados *híbridos*, por acontecerem em número bastante reduzido, foram analisados como um todo, sem subcategorizações.

Depois dos dados separados em subcategorias, foram analisados segundo as variáveis *tipo de sílaba* e *tonicidade*. Com a variável *tipo de sílaba*, procuramos verificar quais foram os processos de ressilabação

³ Optamos pelo uso de *palavra gramatical* e de *palavra fonológica*, a primeira mais ligada à morfologia e a segunda à fonologia, por entendermos que tais nomenclaturas são mais abrangentes, atendendo melhor à diversidade de dados que encontramos.

utilizados pelas crianças nas ocorrências de hipossegmentação, bem como o comportamento dos aprendizes em relação à preservação do constituinte “sílabas” nas hipersegmentações.

Consideramos a *tonicidade* como um aspecto importante a ser analisado nos processos de segmentação, uma vez que estudos de aquisição como os de Matzenauer (1990), Miranda (1996) e Rangel (1998), entre outros, mostram que as sílabas átonas são mais propícias a sofrerem processos fonológicos. Estudos fonéticos, como os de Massini-Cagliari (1992), também têm demonstrado que a tonicidade ou o acento das palavras pode alterar seus segmentos e, até mesmo, a sua quantidade silábica.

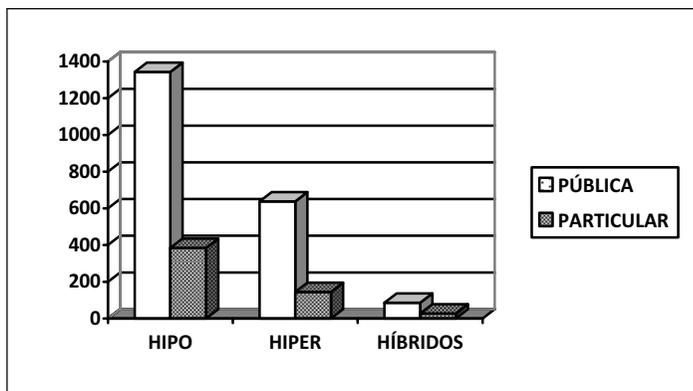
Levando-se em conta que os dados coletados têm origem em dois tipos diferentes de escola – uma pública e outra particular –, consideramos que a análise da variável extra-linguística *tipo de escola* seja importante na medida que nos possibilita verificar e comparar o rendimento das crianças durante seu processo de aquisição da escrita, em ambas as escolas.

Com a análise da outra variável extralinguística – *série* –, foi nossa intenção verificar a evolução dos processos de segmentação das palavras, pois, em se considerando esse processo como progressivo, acreditamos que o tempo de contato com o texto e a produção textual podem contribuir para o domínio desse aspecto da escrita.

6. Uma visão geral dos dados

Ao olharmos a variável *tipo de escola*, observamos que, tanto na escola pública quanto na particular, os dados de hipossegmentação aparecem em maior número do que os demais, conforme se pode ver no Gráfico 1, apresentado a seguir.

Gráfico 1- Distribuição dos dados



Como podemos observar, embora os erros da escola pública (1343 hipossegmentações – 638 hipersegmentações – 86 híbridos) aconteçam em maior quantidade do que os da escola particular (385 hipossegmentações – 145 hipersegmentações – 27 híbridos), o ponto de aproximação entre eles está na forma como são distribuídos em ambas as escolas. A hipo é o tipo de segmentação não-convencional que aparece em maior quantidade, seguida, em uma proporção de menos da metade dos dados, pela hiper e, por último, temos poucos dados híbridos.

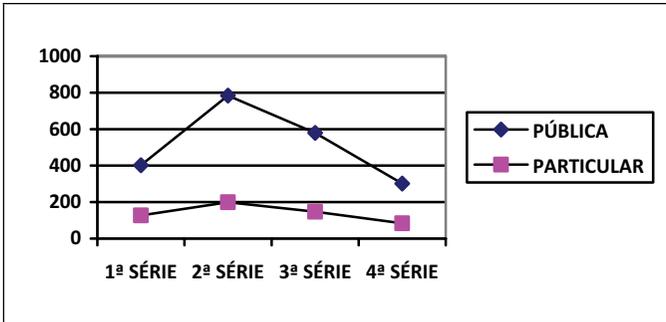
Por meio do Gráfico 1, podemos confirmar a hipótese, já sustentada por Abaurre (1987), Ferreiro e Pontecorvo (1996), Kato (2001) e Cagliari (2002), dentre outros, de que no início do processo de aquisição da escrita a criança tende a escrever partindo de formas unidas, provavelmente por perceber a fala como um contínuo⁴, e somente com o decorrer do processo de escolarização os limites da palavra vão se tornando mais claros para a criança. Também podemos afirmar que essa

⁴ Reforçam essa idéia, os textos em que as crianças escrevem de forma totalmente hipossegmentada, rompendo o contínuo da escrita apenas quando trocam a linha. Esse tipo de texto, embora integre o Banco por nós utilizado, não está aqui contemplado por acreditarmos que mereça um estudo mais específico.

tendência pela hipossegmentação é um processo que independe do tipo de escola, apresentando-se como inerente ao processo em si, uma vez que mesmo tendo encontrado maior número de dados na escola pública, a distribuição dos erros em ambas as escolas assemelha-se.

Quanto à variável *série*, pudemos confirmar, por meio da análise dos dados, que a segmentação da escrita é um processo progressivo. Conforme é possível observar no Gráfico 2, há uma tendência de diminuição das segmentações não-convencionais conforme as séries avançam.

Gráfico 2 - Distribuição das segmentações não-convencionais por série⁵



Conforme nos mostra o Gráfico 2, em ambas as curvas existe um pico na segunda série, essa ocorrência deve-se ao fato de que é nesse período que a criança começa efetivamente a produzir uma maior quantidade de textos. De um modo geral, os textos da primeira série são ainda muito pequenos e podem se apresentar de forma totalmente hipossegmentada, sendo essa hipossegmentação formada por letras agrupadas que nem sempre formam palavras do léxico ou, então, com letras soltas, as quais não possibilitam ainda uma caracterização de hipersegmentação.

⁵ No Gráfico 2 estão computadas, por séries, as ocorrências de segmentação não-convencional como um todo, independente da categoria a que pertencam.

Acreditamos que, especialmente, nos dois primeiros anos de escolarização, as crianças da escola particular apresentam um melhor desempenho em relação à escrita devido ao nível de escolaridade dos pais⁶ e a um provável contato maior com a escrita institucionalizada antes do ingresso à escola.

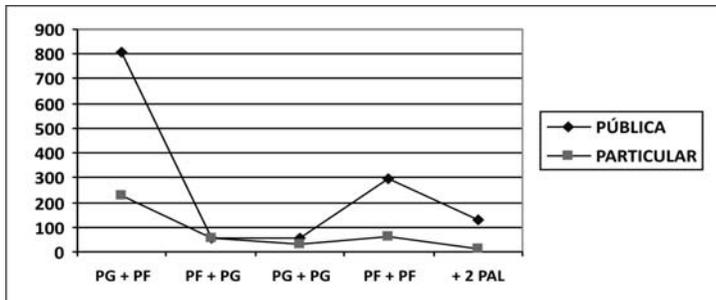
Avaliamos positivamente o papel da escola no processo de aquisição da escrita, pois o Gráfico 2 nos mostra que, embora as crianças da escola pública apresentem mais problemas de segmentação do que as da particular, as primeiras mostram uma queda bem mais acentuada no volume desses erros do que as segundas, apontando, portanto, para uma tendência de possível aproximação entre ambas com o decorrer do processo de escolarização.

7. As hipossegmentações

As hipossegmentações, conforme já explicamos na metodologia do trabalho, foram divididas em cinco subcategorias, com o objetivo de facilitar a análise. Apesar de a escola pública apresentar um número de dados superior aos números da escola particular, as subcategorias são distribuídas relativamente na mesma proporção em ambas as escolas, conforme nos mostra o Gráfico 3.

⁶ Foi verificado, de maneira geral, através de fichas sócio-econômicas fornecidas pelas escolas, o grau de escolaridade dos pais das crianças das duas escolas. Constatou-se que os pais dos alunos da escola pública possuem uma escolaridade de nível fundamental incompleto, enquanto os pais das crianças da escola particular possuem nível médio completo ou superior.

Gráfico 3 – Curva de distribuição dos dados de hipossegmentação em subcategorias



Ao analisarmos o Gráfico 3, observamos que as curvas decorrentes da distribuição dos dados em subcategorias não são exatamente iguais entre as duas escolas, mas muito semelhantes. Tal observação, juntamente com uma análise preliminar da qualidade desses dados, possibilitou-nos que as hipossegmentações fossem analisadas como um conjunto único, sem distinção de tipo de escola, divididas apenas em subcategorias.

a) Palavra gramatical + palavra fonológica (PG+PF)

Como podemos analisar no Gráfico 3, as hipossegmentações formadas por uma palavra gramatical mais uma palavra fonológica (PG+PF) são as que aparecem em maior quantidade. Esses dados podem encontrar apoio em três argumentos: o primeiro diz respeito ao tamanho de palavra, enquanto o segundo e o terceiro são argumentos de origem fonológica.

Se considerarmos que a criança, ao segmentar o texto, pode tomar como referência o tamanho da palavra, apoiemo-nos no que dizem Ferreiro e Teberosky (1999): o aprendiz, quando se encontra na fase de escrita inicial, tem dificuldades em reconhecer conjuntos de uma ou duas letras como sendo uma palavra. Como consequência, na maioria das vezes, o aluno junta essas “letras” à palavra seguinte, formando hipossegmentações. A conjunção “e”, os artigos, os pronomes e as

preposições (monossílabos átonos) são as classes gramaticais mais afetadas por esse fenômeno.

Ao tomarmos um argumento de origem fonológica como referência, encontramos no processo de aquisição oral uma dificuldade semelhante a essa que observamos na escrita. De acordo com Abaurre, Galves e Scarpa (1999), os enunciados de uma sílaba são evitados por crianças que passam do balbucio tardio às primeiras palavras. As sílabas sozinhas aparecem sempre junto a emissões de outras duas ou mais sílabas. Da mesma forma como acontece na escrita, as sílabas que se agregam a outras palavras são aquelas que não portam acento, portanto, monossílabos átonos.

Outro argumento fonológico para essa grande incidência de hipossegmentações geradas pela juntura entre uma palavra gramatical e outra fonológica está no efeito de direcionalidade da língua, descrito por Carvalho (1989) e associado a estudos de ritmo. Segundo o autor, o Português Brasileiro tem uma tendência em associar o clítico à palavra que está à sua direita, integrando a sílaba pretônica, de forma proclítica, dentro dos limites da palavra fonológica.

Em (1), observaremos a transcrição de alguns dados em que ocorre esse tipo de juntura que vimos descrevendo, ou seja, palavra gramatical mais palavra fonológica.

(1)

(a) abruxa	(b) dacasa	(c) tiver
ajete (<i>a gente</i>)	dinovo	mesquece (<i>me esquece</i>)
olenhador	naredi (<i>na rede</i>)	mepegar
ulobu (<i>o lobo</i>)	emcima	miesqueci
umavez	porcausa	tesqueso (<i>te esqueço</i>)

Confirmando o que dizem Ferreiro e Teberosky (1999), podemos observar em (1), que as palavras gramaticais que as crianças associam à palavra seguinte são, na sua maioria, artigos (1.a), preposições (1.b) e pronomes (1.c).

Nos dados em (1.a), as crianças parecem ter preferência por associarem o artigo definido singular a uma palavra de conteúdo que comece por consoante, visto que em alguns textos, nos quais se apresentava a possibilidade de unir o artigo a uma palavra iniciada por vogal, as crianças preferiram não fazer a hipossegmentação. Citamos como exemplo um texto em que, na mesma linha, ora a criança faz a hipossegmentação (osepantalho), ora não faz (o espatalho). No primeiro caso, ao juntar o artigo com o substantivo, observamos, como possível estratégia de evitação da juntura entre duas vogais, a ocorrência de uma metátese na sílaba inicial da palavra (o espantalho > o sepantalho > osepantalho), enquanto no segundo caso, não ocorre a metátese e o espaço entre o artigo e a palavra de conteúdo é mantido.

Essa preferência por unir palavras gramaticas que terminem por vogal a palavras de conteúdo que comecem por consoante repete-se com os outros grupos de clíticos. Exemplo disso é o texto do qual foi retirado o dado “tiver”, apresentado em (1.c). Nesse texto, encontramos também a hipossegmentação “tícomer”, no entanto, a sequência “ti ouvir” aparece grafada corretamente, com a preservação do espaço entre a palavra gramatical e a fonológica. Parece-nos, nesse último caso, que a criança evita a formação de um tritongo, encontro vocálico não muito frequente na língua.

Quando acontece de a criança juntar duas palavras que tenham vogais em suas fronteiras vocabulares, é frequente o aparecimento de processos de sândi externo (BISOL, 1992, 1996, 2000), havendo, portanto, uma ressilabação vocálica. Essas ressilabações podem ser do tipo “mesquece”, na qual observamos um processo de degeminação da vogal [e] (me esquece > m[e]squece) ou, ainda, como em “miesqueci”, na qual ocorre uma ditongação. A criança faz um alçamento da vogal [e] > [i] da palavra gramatical “me”, propiciando a formação de um ditongo com o [e] inicial da palavra “esqueci” (me esqueci > mi esqueci > m[je]squeci).

O que acontece de mais relevante na grande maioria dos processos de ressilabação feitos pelas crianças é a preservação das estruturas silábicas da língua. Isso nos indica que desde muito cedo esse constituinte apresenta realidade psicológica para o aprendiz, comprovando o que diz Abaurre (1987) sobre a sílaba ser um dos primeiros constituintes prosódicos que a criança domina, em especial, a estrutura do tipo CV (consoante/vogal), considerada como a forma canônica de sílaba.

b) Palavra fonológica + palavra gramatical (PF+PG)

Esse tipo de dado, conforme vemos no Gráfico 3, acontece com pouca frequência no *corpus* analisado. De um modo geral, essas hipossegmentações são formadas por um verbo e um pronome em posição enclítica. Essa colocação pronominal não é a mais comum na fala do Português Brasileiro e poderia servir como mais uma motivação para que a criança representasse, na escrita, essa sequência como uma única palavra, conforme podemos ver nos exemplos apresentados em (2).

(2)

(a) chamace (*chama-se*)
passarance (*passaram-se*)

(b) castigalo (*castigá-lo*)
visitala (*visitá-la*)

Em (2.a), podemos observar a formação de um pé ternário ou dátilo (cf. BISOL, 1996), do qual se origina uma palavra proparoxítona. Mesmo sendo as palavras proparoxítonas as menos frequentes na língua, a criança pode ter optado por essa formação devido ao fato de o pronome enclítico ser ainda menos frequente.

Nos exemplos apresentados em (2.b) o que temos é a formação de pés binários do tipo troqueu silábico (que possui proeminência à esquerda), originando palavras paroxítonas que, segundo Bisol (1996), são as de maior frequência no português.

O que podemos ressaltar de mais importante nesse tipo de hipossegmentação é que, mesmo ao associar a palavra gramatical após a

palavra fonológica e, conseqüentemente, acrescentar uma sílaba átona após a sílaba tônica da palavra, a criança não infringe o constituinte prosódico “pé”, responsável pelo acento rítmico da palavra.

c) Palavra gramatical + palavra gramatical (PG+PG)

Nesse grupo de hipossegmentações, também com baixa frequência no *corpus* analisado, não temos variedades nos dados, encontramos basicamente dois tipos de combinação de juntura: os que envolvem a palavra gramatical “que”, conforme podemos ver em (3.a), e os que unem a conjunção “e” a artigos definidos, como em (3.b).

(3)

(a) oque

paque - praque (*para que*)

(b) ea (*e a menina*)

o (*e o gato*)

Nos exemplos mostrados em (3.a), acreditamos ser possível que a palavra gramatical “que” tenha atraído a outra palavra gramatical que se encontra à sua esquerda. De acordo com Abaurre, Galves e Scarpa (1999), a palavra “que”, principalmente se estiver no início da frase interrogativa, pode ser portadora de um acento nuclear. Entendemos que a criança, motivada pela percepção desse acento, tenha feito a hipossegmentação da outra palavra gramatical que se encontra à esquerda do “que”, formando um pé binário do tipo iâmbico (que possui proeminência à direita). Junte-se a isso, o fato de que, em grande parte dos dados, a sequência “paque” ou “praque” encontra-se em início de frase interrogativa do tipo “praque esses olhos tão grandes?”.

A palavra “para”, segundo Bisol (2000), por corresponder a um pé métrico, é um clítico portador de acento. Nos dados “praque / paque”, o que temos é a forma contraída “pra” ou mesmo uma sílaba do tipo CV ‘pa’, ambas consideradas como sílabas átonas, dessa forma, o pé métrico forma-se apenas quando elas associam-se à palavra gramatical “que”.

Os dados apresentados em (3.b) são de um tipo ainda mais raro no *corpus* e parecem reforçar a dificuldade das crianças em reconhecer uma letra isolada como palavra, no entanto, não existe nessas ocorrências, nenhuma formação de pé métrico ou mesmo de sílaba canônica (CV). Esses dados têm, na sua maioria, uma particularidade, ocorrem quase sempre em início de frase e muito raramente no interior do texto. Essa incidência pode sugerir que a criança tem maior resistência à presença de duas letras isoladas no início de uma frase.

d) Palavra fonológica + palavra fonológica (PF+PF)

A junção entre duas palavras fonológicas pode formar frases fonológicas ou frases entonacionais. Segundo Nespor e Vogel (1986), a construção de uma frase fonológica deve ser avaliada por meio de noções sintáticas mais gerais. No português, o nome (N), o verbo (V) e o adjetivo (A) são as categorias gramaticais consideradas como as cabeças de frases fonológicas, as quais possuem recursividade à direita. Em (4) encontramos exemplos de frase fonológica e de frase entonacional.

(4)

(a) *tãongrande (tão grande)*

[[e essa boca] ϕ [tãongrande] ϕ] I

(b) *viveranfelises (viveram felizes)*

[[e moravan] ϕ [na arvora] ϕ [e viveran] ϕ [felises] ϕ] I

[[e moravan] ϕ [na arvora] ϕ [e viveranfelises] ϕ] I reestruturação

Como podemos ver, em (4.a) temos uma frase fonológica em que o cabeça é um adjetivo, enquanto em (4.b) a frase fonológica forma-se pela reestruturação de duas outras frases fonológicas (BISOL, 1996). Os exemplos apresentados em (4) mostram frases fonológicas inseridas em uma frase entonacional.

Segundo Nespore e Vogel (1986), a frase entonacional deve possuir um contorno de entonação e seu final deve coincidir com uma posição em que se possa introduzir uma pausa. De acordo com Bisol (1996), a frase entonacional, devido a critérios semânticos, tem como uma de suas principais características que uma de suas frases fonológicas seja forte, enquanto as demais, fracas. A sequência forte tem sua posição variável dentro da frase entonacional, pois pode variar segundo a mudança de foco no valor semântico.

Podemos supor, com base nessas afirmativas, que as sequências hipossegmentadas em (4) representem a frase fonológica forte dentro da frase entonacional em que estão inseridas, conforme mostraremos em (5), onde S é a frase forte e W a fraca.

(5)

(a) [[e essa boca] ϕ [tãongrande] ϕ] I
 w s

(b) [[e moravan] ϕ [na arvora] ϕ [e viveranfelses] ϕ] I
 w w s

Outra análise que propomos ao exemplo (5.b) é de que a frase fonológica forte seja considerada como uma frase entonacional, pois esse constituinte prosódico define-se também, segundo Bisol (1996, p.257), “como o conjunto de ϕ s ou apenas um ϕ que porte uma linha entonacional”. Sendo assim, a frase entonacional apresentada em (5.b) pode ser constituída por duas linhas entonacionais, conforme apresentamos em (6).

(6)

e [moravan na arvora] I e [viveranfelses] I

Ao retomarmos a definição de Nespore e Vogel (1986), de que o final da frase entonacional deve coincidir com uma posição em que se possa

introduzir uma pausa, podemos considerar a conjunção “e”, no início/fim de cada uma das frases, como pausa, portanto, optamos por representá-la fora dos colchetes.

e) + de duas palavras (+ 2 PAL)

A maioria dos dados desse tipo propiciam a formação dos constituintes mais altos na hierarquia prosódica, a saber, a palavra fonológica, a frase fonológica, a frase entonacional e o enunciado, conforme veremos em (7).

(7)

(a) vamosdormir queamamaijavem (*vamos dormir que a mamãe já vem*)
[[vamodormir] I [queamamaijavem] I] U

(b) elesviveranvelizesparacenpre (*eles viveram felizes para sempre*)
[elesviveranvelizesparacenpre] U

Em (7.a), temos um enunciado em que ocorrem duas sequências de hipossegmentação, formando duas frases entonacionais, a primeira composta pela juntura de duas palavras fonológicas e a segunda por mais de duas palavras.

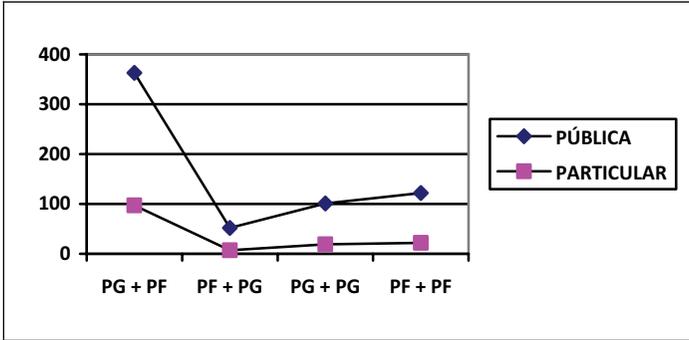
No exemplo (7.b), apresentamos a ocorrência de uma hipossegmentação formada por um maior número de palavras, nesse caso, podemos afirmar que temos a estrutura de um enunciado, que é o constituinte mais alto da hierarquia prosódica e, conforme Nespor e Vogel (1986), é delimitado pelo começo e fim de um constituinte sintático.

8. As hipersegmentações

A hipersegmentação, conforme vimos nos Gráfico 1, aparece em menor quantidade do que a hipossegmentação, independentemente de

a escola ser pública ou particular. No Gráfico 4, poderemos ver como se dividem as subcategorias¹ utilizadas para a análise desses dados.

Gráfico 4 - Distribuição dos dados de hipersegmentação em subcategorias



Assim como nos dados de hipossegmentação, a escola pública apresenta um maior número de ocorrências de hipersegmentação do que a escola particular. Todavia, a distribuição desses dados em subcategorias acontece mais ou menos dentro de uma mesma proporção em ambas as escolas, conforme podemos comprovar pelo formato das curvas apresentadas no Gráfico 4.

Devido à ocorrência de curvas semelhantes na distribuição das subcategorias e devido a uma análise preliminar dos dados, da mesma forma que nos dados de hipossegmentação, as hipersegmentações serão analisadas como um conjunto único, sem distinção de tipo de escola.

a) Palavra gramatical + palavra fonológica (PG+PF)

Ao analisarmos o Gráfico 4, podemos constatar que essa subcategoria, assim como nos dados de hipossegmentação, é a que apresenta o maior número de ocorrências. Segundo Ferreiro e Teberosky (1999), a tendência maior que se apresenta na fase inicial da

¹ Lembramos que para a análise das hipersegmentações temos apenas quatro subcategorias, diferentemente das hipossegmentações em que tínhamos cinco.

aquisição da escrita é que estruturas de uma ou duas letras sejam associadas a uma palavra de conteúdo, entretanto, conforme a criança desenvolve sua conceituação a respeito da escrita, a hipótese inicial sobre o número de letras parece ser superada e as unidades que eram indevidamente unidas a outras começam a ser reconhecidas e inadequadamente separadas de sua estrutura original. Isso acontece em especial nas sílabas iniciais que mantém semelhança com palavras gramaticais, conforme podemos constatar nos exemplos apresentados em (8), mais especificamente em (8.a) e (8.b).

- (8)
- | | | |
|----------------------------|----------------------------------|--------------------------------|
| (a) a via (<i>havia</i>) | (b) a parsou (<i>apareceu</i>) | (c) su bimo (<i>subimos</i>) |
| a pura | a judar es tranha | tor meiro (<i>torneio</i>) |
| em costas | a gora | |
| na mora | o relha | |
| de pressa | de chava (<i>deichava</i>) | |
| da nada | com migo | |
| es tava | e lastico | |

Nas hipersegmentações em (8.a), a palavra que sobra à direita é, além de fonológica, uma palavra lexical. Por isso, podemos pensar que exista mais do que uma motivação para a criança segmentar a palavra em duas partes: o reconhecimento da palavra gramatical e o reconhecimento de uma possível palavra lexical. Em outros dados, conforme vemos em (8.b), não podemos pensar no reconhecimento de uma palavra lexical como motivador da segmentação, visto que as estruturas que sobram à direita, embora sejam palavras fonológicas, não possuem significado para o português. Nesse caso, dirigimos nosso olhar à formação de pés métricos. No caso de “parsou” e “judar” temos um pé iâmbico², nos dados como “gora”, “relha”, “chava” e “migo”,

² O pé iâmbico é formado por duas sílabas, com proeminência à direita, conforme mostra a representação, em que o ponto representa a sílaba átona e o asterisco, a sílaba tônica: (. *)

temos pés troqueus silábicos³ e, por último, encontramos um pé dátilo⁴ em “lastico”.

Embora encontremos no *corpus* dados como “a trasado”, “en vergonhada” ou “de bochava”, se considerarmos que a maioria das hipersegmentações, como as mostradas em (8), deixam à direita um troqueu silábico, podemos supor, seguindo o que dizem Abaurre (1991) e Cagliari (2002), que uma das variáveis que pode influenciar a decisão da criança sobre onde segmentar a escrita é a formação de palavras dissílabas paroxítonas. Os exemplos que trazemos em (8.c) reforçam essa idéia, visto que o segmento isolado à esquerda não é precisamente um clítico, no entanto, os segmentos da direita são pés troqueus responsáveis pela formação de palavras dissílabas paroxítonas.

b) Palavra fonológica + palavra gramatical (PF+PG)

Esses dados são os que apresentam o menor número de ocorrências, de acordo com o que apresentamos no Gráfico 4. Para fins de análise, separamos essas hipersegmentações em dois tipos diferentes, conforme mostram os exemplos em (9).

(9)

(a) precisa-se (*precisasse*)
 acerta-se (*acertasse*)
 erra-se (*errasse*)

(b) cumi da
 gritan do
 fazem do

Em (9.a), embora representada por meio do hífen em vez de espaço, parece-nos haver claramente uma separação da sílaba ‘se’,

³ O troqueu silábico é um pé composto por duas sílabas, com proeminência à esquerda e tem a seguinte representação, em que o ponto representa a sílaba átona e o asterisco, a sílaba tônica: (*.)

⁴ O pé dátilo é formado por três sílabas, uma forte e duas fracas, com proeminência à esquerda. Esse pé dá origem às palavras proparoxítonas do português e tem a seguinte representação: (*..)

decorrente do reconhecimento da posição enclítica do pronome em relação ao verbo, portanto, optamos por considerar esse tipo de dado como uma hipersegmentação. Esses casos não são muitos, justamente porque essa não é a opção sintática da fala no Português Brasileiro, como já foi dito anteriormente.

Consideramos que as hipersegmentações apresentadas em (9.b) têm motivação diferente das anteriores. Nesses dados, podemos pensar que a separação tenha ocorrido devido ao reconhecimento das palavras gramaticais “da” e “do”, ao mesmo tempo que temos à esquerda formações de pés binários, nesses exemplos, do tipo iambo.

c) Palavra gramatical + palavra gramatical (PG+PG)

As hipersegmentações desse tipo aparecem numericamente em quantidade razoável no *corpus* analisado, no entanto, elas não variam quanto à qualidade. Na sua quase totalidade são dados como os que aparecem em (10).

(10)

e la e le de la de le a i (*aí*)

Analisamos esses dados como o reconhecimento puro e simples de palavras gramaticais, no momento em que a criança já considera a hipótese de que uma ou duas letras podem formar palavras. Consideramos a sílaba ‘le’ como uma possibilidade de palavra gramatical, visto que aparece com frequência nos textos infantis como uma variante do clítico “lhe”, conforme mostram os exemplos “dissele” ou “disse-le” para “disse-lhe”.

d) Palavra fonológica + palavra fonológica (PF+PF)

Nesses dados em que as crianças segmentam uma palavra fonológica em duas, encontramos três diferentes possibilidades de separação, quais sejam: duas palavras fonológicas que não possuem

significado no português (11.a); duas palavras fonológicas que podem também ser lexicais (11.b); e uma palavra lexical e outra apenas fonológica (ou vice-versa) (11.c).

(11)

(a) descom fiada	(b) ter mina	(c) conpor taram
verda deiro	ter minar	ar partamento
resol veram	sou dadinho	come saro (<i>começaram</i>)
esti maso (<i>estimação</i>)	esta vamos	ser viso
diver tindo	mau tratados	escom dia

Nas hipersegmentações apresentadas em (11.a) observamos uma tendência à formação de duas palavras dissílabas. Embora não possuam significado lexical no português, todas preservam a formação de pés métricos, conseqüentemente, são palavras portadoras de acento, o que as caracteriza como palavras fonológicas.

Particularmente no caso da palavra “resolveram”, a criança pode ter sido motivada pelo choque de acentos, uma vez que, se considerarmos a palavra fonológica “resol” isoladamente, segundo Bisol (1996), a sílaba pesada puxaria o acento da palavra fazendo com que ela se tornasse uma oxítona. A palavra fonológica “veram” é uma paroxítona, portanto, ao juntar as duas, teríamos duas sílabas acentuadas sucessivamente, provocando um choque de acentos. De acordo com Bisol (1994), a grade métrica do português é sensível ao choque de acentos, isto é, à seqüência forte-forte.

Outros exemplos desse tipo, cuja motivação para a inserção de espaço pode ter sido proveniente do choque de acentos, são encontrados no *corpus*. Entre eles podemos citar a palavra “chapeuzinho”, frequentemente grafada como “chapeu zinho”. Sem desconsiderar o reconhecimento da palavra lexical “chapéu”, bastante frequente no léxico infantil, temos ainda o sufixo “-zinho”, às vezes empregado pelos falantes como palavra de conteúdo. Segundo Bisol

(1994), palavras morfológicas formadas com o sufixo “-zinho”, “-inho” ou “-mente” são constituídas por duas palavras fonológicas devido ao acento primário do sufixo (cf. BISOL, 1994). Quando juntamos o radical “chapéu” ao sufixo “-zinho”, temos duas sílabas fortes sucessivas, o que poderia favorecer a hipersegmentação.

Nos dados em (11.b), a criança pode estar tratando esses vocábulos como duas palavras lexicais integrantes do seu vocabulário. Abaurre (1991) mostra alguns exemplos de vocábulos menos conhecidos pelas crianças que, ao serem escutados, foram representados na escrita como duas palavras autônomas: “catapulta”, escrita como “cata” e “puta”, e “calabolço”, grafada como “cala” e “bolso”. O caso do exemplo “mau tratados” é um pouco diferenciado porque essa palavra já tem origem em um composto do português.

Em (11.c), embora possamos ter o reconhecimento de palavras lexicais como “conpor”, “ar”, “come”, “ser” e “dia”, não podemos deixar de considerar que a palavra fonológica que sobra à direita ou à esquerda, mesmo não sendo palavra lexical, preserva o pé métrico. Devemos salientar que na maioria dos dados, existe uma preferência pela preservação do troqueu silábico. Hipersegmentações como “es pesia mete” para “especialmente”, exemplificam essa afirmativa, uma vez que a sílaba inicial, separada à esquerda, não é um clítico do português e o restante da palavra parece ter sido hipersegmentada de maneira a formar dois troqueus silábicos.

9. Os híbridos

Chamamos de híbridos aos processos de segmentação não-convencional em que ocorrem hipo e hipersegmentação em uma mesma sequência. Por conseguinte, nesse tipo de dado, podemos observar motivações relativamente iguais as que já analisamos tanto nas hipo quanto nas hipersegmentações. As ocorrências desse tipo são importantes porque ilustram, de certa maneira, o jogo de influências de diferentes aspectos linguísticos sobre a decisão que a criança precisa

tomar no momento em que se vê obrigada a decidir onde colocar o espaço em suas grafias para aquilo que, até então, ela percebia como um contínuo fonético.

Acreditamos que ao produzir um dado do tipo híbrido a criança primeiro tenha hipossegmentado a sequência para depois hipersegmentá-la. Essa idéia justifica-se pelo fato de haver no *corpus* analisado um número significativamente maior de hipossegmentações em se comparando às hipersegmentações, conforme vimos no Gráfico 1. Os exemplos apresentados em (12) ilustram de forma mais clara esse tipo de movimento.

(12)

(a) quem fim (*que enfim*)

que enfim > qu[e]n fim (hipo) > quem fim (hiper)

(b) sem ganhou (*se enganou*)

se enganou > s[e]n ganou (hipo) > sem ganou (hiper)

(c) tes quese (*te esquece*)

te esquece > t[e]s quece (hipo) > tes quece (hiper)

As transformações que apresentamos nos dados em (12), desde a sequência adequada até a produzida no texto, parecem-nos ser o caminho percorrido pela criança, que primeiro constrói uma estrutura hipossegmentada e depois a separa. Para reforçar essa idéia, podemos observar que nos três casos aparece um processo de sândi vocálico, mais especificamente uma degeminação da vogal [e], quando da união entre as duas palavras. Esses processos de sândi são basicamente utilizados quando eliminamos as fronteiras entre dois vocábulos.

No primeiro dado, (12.a), a hipersegmentação gera duas palavras lexicais, enquanto no segundo, (12.b), temos à esquerda uma palavra gramatical e à direita um pé do tipo iambo e, finalmente, em (12.c), o espaço parece ter sido colocado em função da presença de um troqueu

silábico à direita, visto que nenhuma das palavras resultantes da segmentação possuem significado na língua e tampouco a palavra da esquerda é um clítico.

Em (13), mostramos outros dados que apresentam hipo e hipersegmentação na mesma sequência.

(13)

daes toria (*da estória*)
asza migas (*as amigas*)
derre pente (*de repente*)
mea jude (*me ajude*)
nu camais (*nunca mais*)

Nos três primeiros exemplos apresentados em (13), a principal motivação para as segmentações parece ser a transformação de uma palavra polissílaba em duas dissílabas e paroxítonas. O tamanho da palavra e o acento parecem nortear essas escolhas, uma vez que, à exceção da palavra “pente”, as demais palavras resultantes da hipersegmentação são palavras fonológicas sem significado lexical.

No dado “mea jude” também parece haver uma forte influência do troqueu silábico que se encontra à direita, pois a palavra que resta à esquerda não é exatamente uma palavra gramatical. No último dado, “nu camais”, a separação parece ter ocorrido em função da dificuldade que as crianças em fase de escrita inicial têm em lidar com segmentos de coda, nesse caso específico o ‘n’, deixando, conforme Moreira (1991), o espaço da dúvida. Segundo Miranda (2008), em seu artigo “A grafia de estruturas silábicas complexas na escrita de crianças das séries iniciais”, a dificuldade em grafar a coda nasal apresenta-se com elevada frequência nos textos infantis.

10. Considerações finais

Quanto às hipossegmentações, a análise dos dados nos permite indicar algumas tendências: i) a junção entre uma palavra gramatical e uma fonológica (“olenhador”, “emcima”, “mepegar”) são definitivamente o tipo de ocorrência mais frequente e confirmam a hipótese de que as crianças, no início do processo de aquisição da escrita, têm dificuldade em reconhecer como palavra segmentos de uma ou duas letras; ii) a hipossegmentação entre duas palavras fonológicas (“vamosdormir”, “tãongrande”, “viveranfelises”) são o segundo tipo de ocorrência mais frequente e formam frases fonológicas ou frases entonacionais; iii) as junções entre uma palavra fonológica e uma palavra gramatical e entre duas palavras gramaticais são as menos frequentes no conjunto de dados. As primeiras ocorrem basicamente pela junção entre um verbo e um pronome em posição enclítica (“ajudala”) e as segundas pela aproximação de um clítico que se encontra à esquerda da palavra gramatical “que” (“oque”, “doque”) ou pela junção entre a conjunção “e” e os artigos definidos (“ea”); iv) em estruturas com mais de duas palavras, podemos ter a formação de frases fonológicas, frases entonacionais e enunciados; v) os constituintes de nível mais alto na hierarquia prosódica, a saber, a palavra fonológica, a frase fonológica, a frase entonacional e o enunciado, parecem dirigir processos de hipossegmentação.

Podemos apontar os seguintes itens como tendências importantes nos dados de hipersegmentação: i) o tipo de dado que apresenta maior número de casos são os que envolvem uma palavra gramatical e uma palavra fonológica (“a pura”, “na mora”, “de chava”). A motivação para a inserção desse espaço parece ser o reconhecimento da sílaba inicial como uma palavra gramatical e, também, a formação de palavras dissílabas e paroxítonas; ii) o segundo tipo de hipersegmentação mais frequente é o que resulta em duas palavras fonológicas (“resol veram”, “ter mina”, “escom dia”). Esses dados parecem ter como motivação a preferência pela formação de palavras dissílabas e paroxítonas, o reconhecimento de palavras lexicais e/ou a tentativa de preservação de

um pé métrico, preferencialmente o troqueu silábico; iii) as hipersegmentações que resultam em palavra fonológica mais uma palavra gramatical e as que resultam em duas palavras gramaticais são as que menos dados apresentam no *corpus*. Fazemos essa afirmativa não em relação à quantidade de dados, mas quanto à qualidade do dado que não varia. No caso das primeiras, a maior parte das ocorrências está ligada à presença de um verbo no imperfeito do subjuntivo que é grafado como se fosse um verbo acompanhado de pronome (“procurase” para “procurasse”) e o segundo tipo de ocorrências restringe-se basicamente a cinco tipo de dados (“e la”, “e le”, “de la”, “de le”, “a i”); iv) os constituintes de nível mais baixo na hierarquia prosódica, a saber, a sílaba e o pé métrico, parecem dirigir processos de hipersegmentação.

Em relação aos dados do tipo híbrido, constatamos que apresentam motivações semelhantes àquelas já vistas nas hipo e hipersegmentações. É importante ressaltar que, por meio da análise que propusemos, a criança parece primeiro hipossegmentar a sequência para depois separá-la. A hipossegmentação, nos dados híbridos, parece ser dirigida pela palavra fonológica e pelo grupo clítico, enquanto a hipersegmentação, pela sílaba e pelo pé binário portador do acento principal da palavra.

Sobre a variável *tipo de sílaba*, apontamos as seguintes tendências nas hipossegmentações: i) ao suprimir espaços entre as palavras, a criança tende a preservar as estruturas silábicas da língua; ii) na maioria das vezes em que há contexto favorável, o aprendiz aplica processos de ressilabação vocálica, preferencialmente a ditongação (“s[jo]lharão”) e a degeminação (“s[e]squecer”); nas hipersegmentações observamos que ao inserir um espaço dentro dos limites da palavra, a criança tende a preservar as estruturas silábicas do português.

Sobre a variável *tonicidade*, quanto às hipossegmentações, podemos afirmar que: i) a supressão de espaços entre fronteiras vocabulares pode ser motivada pela presença de grupos tonais ou linhas entonacionais, bem como pela sílaba tônica da palavra; ii) em quase

todos os dados foi preservado o pé do acento. Nas hipersegmentações podemos constatar que a sílaba tônica parece influenciar a decisão da criança tanto quando há preservação do pé binário, antes do qual é inserido o espaço, como quando há isolamento de sílabas pesadas.

Quanto à variável *tipo de escola*, os dados em geral, conforme vimos no Gráfico 1, revelaram que as crianças da escola particular apresentam menos dúvidas do que as crianças da escola pública. No entanto, a proporcionalidade entre os tipos de erros é praticamente a mesma. Esse fato revela-nos que o processo de aquisição da escrita é semelhante, independentemente do tipo de escola.

Analisamos a variável *série* por considerarmos a aquisição da escrita como um processo progressivo, o que se confirmou com a observação dos dados, conforme apresentamos no Gráfico 2. De uma maneira muito positiva, essa variável nos mostrou que a escola desempenha um papel importante no processo de aquisição da escrita, pois a cada série que passa o número de ocorrências de segmentações não-convencionais diminui tanto nos textos das crianças da escola pública quanto da particular e mais radicalmente na escola pública.

Ao considerarmos que os dados de escrita se mostraram reveladores de aspectos prosódicos do conhecimento linguístico que a criança possui, particularmente dos aspectos prosódicos da língua, não podemos deixar de apontar para a estreita relação entre a fala e a escrita, preservadas, evidentemente, as especificidades de cada um desses processos.

Para finalizar, sob o ponto de vista da interface linguística/educação, ressaltamos que o conhecimento teórico sobre o funcionamento da língua é de fundamental importância para os professores, nesse caso em especial, àqueles que trabalham com séries iniciais. É preciso que esse professor tenha consciência de que quando está ensinando seu aluno a ler ou escrever, tem a possibilidade de interferir, segundo Veloso (2008, p.2), “com uma parcela menos evidente do universo cognitivo da criança, como pode ser o caso do seu conhecimento fonológico”.

Referências

ABAURRE, M. B. *O que revelam os textos espontâneos sobre a representação que faz a criança do objeto escrito?* Anais do GEL, 1987.

ABAURRE, M. B. A relevância dos critérios prosódicos e semânticos na elaboração de hipóteses sobre segmentação na escrita inicial. *Boletim da ABRALIN*, 1991.

ABAURRE, M. B.; GALVES, C.; SCARPA, E. A interface fonologia-sintaxe. Evidências do português brasileiro para uma hipótese *top-down* na aquisição da linguagem. In: SCARPA, E. (org.). *Estudos de prosódia*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999. p.285-320.

BISOL, L. Sândi vocálico externo: degeminação e elisão. *Cadernos de estudos linguísticos*. Campinas: UNICAMP, n.23, p.83-101, 1992.

BISOL, L. O acento e o pé binário. *Letras de hoje*. Porto Alegre: PUC-RS, v.29, n.4, p.25-36, 1994.

BISOL, L. (org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

BISOL, L. O clítico e seu status prosódico. *Revista de estudos de linguagem*. Belo Horizonte: UFMG, v.9, p.5-30, 2000.

CAGLIARI, L. C. *Alfabetização & Linguística*. São Paulo: Editora Scipione, 2002.

CÂMARA JR., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970. [1983]

CAPISTRANO, C. C. *Aspectos de segmentação na escrita infantil*. 2003. 213f. Dissertação – Curso de Mestrado em Estudos Linguísticos – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Unesp, São José do Rio Preto.

CAPISTRANO, C. C. A propósito da escrita infantil: uma reflexão sobre as segmentações não-convencionais. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v.39, n.3, p.245-260, 2004.

CARVALHO, J. Brandão. Phonological conditions on portuguese clitic placement: on syntatic evidence for stress and rhythmical patterns. *Linguistics* 27. p.405-436, 1989

CHACON, Lourenço. Constituintes prosódicos e letramento em segmentações não-convencionais. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 39, n. 3, p.223-232, 2004.

CHACON, Lourenço. Hipersegmentações na escrita infantil: entrelaçamento de práticas de oralidade e de letramento. *Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 34, p.77-86, 2005.

CHACON, Lourenço. Prosódia e letramento em hipersegmentações; reflexões sobre a aquisição da noção de palavra. In: CORRÊA, M. L. G. (org.) *Ensino de língua: representação e letramento*. Campinas: Mercado de Letras, 2006.

CHOMSKY, N. *Aspects of the theory of syntax*. Massachussets: Mit Press, 1965.

CHOMSKY, N. A abordagem linguística. In: PIATELLI–PALMARINI, M. (org.). *Teorias da linguagem, teorias da aprendizagem*. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1978.

CORRÊA, M. L. G. *O modo heterogêneo de constituição da escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CUNHA, A. P. N. *A hipo e a hipersegmentação nos dados de aquisição da escrita: um estudo sobre a influência da prosódia*. 2004. 132f. Dissertação – Curso de Mestrado em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

CUNHA, Ana Paula Nobre da; MIRANDA, Ana Ruth. A hipersegmentação nos dados de aquisição da escrita. *Anais do 4º SENALE – UCPEL*, Pelotas, 2006.

CUNHA, Ana Paula Nobre da; MIRANDA, Ana Ruth. A influência da hierarquia prosódica em hiposegmentações da escrita de crianças de séries iniciais. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*. v.1, p.1-19, 2007.

FERREIRO, E.; PONTECORVO, C. Os limites entre as palavras. A segmentação em palavras gráficas. In: FERREIRO, E.; PONTECORVO, C.; MOREIRA, N.;

HIDALGO, I. *Chapeuzinho Vermelho aprende a escrever*. São Paulo: Ática, 1996. p.38-66

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

KATO, M. *No mundo da escrita*. São Paulo: Editora Ática, 2001.

LIBERMAN, M.; PRINCE, A. On stress and linguistic rhythm. *Linguistic Inquiry*, n.17, 1977.

MASSINI-CAGLIARI, G. *Acento e ritmo*. São Paulo: Contexto, 1992.

MATZENAUER, C. L. *A aquisição da fonologia do português: estabelecimento de padrões com base em traços distintivos*. 1990. Tese – Curso de Doutorado em Letras, Instituto de Letras e Artes, PUCRS, Porto Alegre.

MATZENAUER, C. L. Introdução à teoria fonológica. In: BISOL, L. (Org). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: Edipucrs, 1996. p.9-93.

MIRANDA, A. R. *A aquisição do 'r': uma contribuição à discussão sobre seu status fonológico*. 1996. Dissertação – Curso de Mestrado em Letra, Instituto de Letras e Artes, PUCRS, Porto Alegre.

MIRANDA, Ana Ruth. Um estudo sobre a aquisição ortográfica das vogais do português. *Anais da ANPEDSul – UFSM*, Santa Maria, 2006.

MIRANDA, Ana Ruth. A aquisição ortográfica das vogais do português – relações com a fonologia e a morfologia. *Revista Letras* (Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM), nº 36, janeiro/junho de 2008a.

MIRANDA, Ana Ruth. Aspectos da escrita espontânea e da sua relação com o conhecimento fonológico. In: LAMPRECHT, Regina. *Aquisição da Linguagem: estudos recentes no Brasil*, Porto Alegre: EDIPUCRS. 2008b (no prelo)

MOREIRA, N. *O nome próprio na aquisição da escrita: construção da nasal pré-consonantal*. 1991. Tese – Doutorado em Linguística, PUC, São Paulo.

NESPOR, M.; VOGEL, I. *La prosodia*. Madrid: Visor Distribuciones, S.A., 1994 [1986].

PAULA, I. F. V. *Movimentos na escrita inicial de crianças: um estudo longitudinal de hipersegmentações*. 2007. 132f. Dissertação – Curso de Mestrado em Estudos Linguísticos, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Unesp, São José do Rio Preto.

PIAGET, J. *A epistemologia genética*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1972.

PIAGET, J. *A formação do símbolo na criança*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A., 1978.

RANGEL, G. Os diferentes caminhos percorridos na aquisição da fonologia do português. *Letras de hoje*. Porto Alegre, v.33, n.2, p.133-140, jun, 1998.

SELKIRK, E. *Phonology and syntax: the relation between sound and structure*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1984.

TENANI, L. *Domínios prosódicos no Português do Brasil: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos*. 2002. 317f. Tese – Curso de Doutorado em Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

TENANI, Luciani. Segmentações não-convencionais e teorias fonológicas. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v.39, n.3, p.233-244, 2004.

TENANI, Luciani. Domínios prosódicos no Português Brasileiro: evidências rítmica, entoacional e segmental. *Estudos Linguísticos XXXV*, p.118-131, 2006.

VELOSO, João Manuel. Aprender a escrever pode alterar o conhecimento fonológico? A silabificação das sequências /SC/ mediais do português europeu e o conhecimento das regras de translineação gráfica, 2008. (inédito)

VIGOTSKI, L. S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

Ana Paula Nobre da Cunha é graduada em Educação Artística e em Letras pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), mestre e doutora em Educação pela mesma instituição, com doutorado-sanduiche na Universidade do Porto – Portugal. Tem experiência na área de Letras e de Educação, com ênfase em Língua Portuguesa. Pesquisa principalmente na área da aquisição da escrita (segmentação das palavras no texto) e sua relação com a fonologia prosódica.

E-mail: apncunha@hotmail.com

Submetido em: outubro de 2009

Aceito em: dezembro de 2009

